Templo dos Pilares

Alcinópolis

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

2016

Templo dos Pilares - Alcinópolis

Dourados (MS), 2016

Texto e fotos: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

Equipe científica: Rodrigo Simas Aguiar, João Carlos de Souza, Erciliomar Furquin, Elisberto Rezende, Edilson Gomes, Beatriz dos Santos Landa, Jones Dari Goettert, Vanessa Costa Morito, Maria Julia Rocha Ferreira, Alessandra Peixoto Lopes, Débora Korine Regonato, Thaiane Coral, Wender Carbonari.

Apresentação

O Templo dos Pilares é o sítio de arte rupestre mais emblemático do Estado de Mato Grosso do Sul e há muito merecia uma publicação que tratasse dele com exclusividade. Desde que o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) iniciou suas pesquisas em Alcinópolis, no ano de 2011, havia a intensão de elaborar tal publicação. Mas a oportunidade apareceu somente agora, através desta obra em que apresento os resultados da primeira escavação feita em Alcinópolis, município que detém um terço de toda arte rupestre de Mato Grosso do Sul. A campanha de escavação foi empreendida especificamente no Templo dos Pilares, no mês de março de 2016, e trouxe importantes informações sobre os povos autores dos grafismos rupestres. O objetivo é que este material sirva de instrumento de divulgação científica, auxiliando professores no ensino de nossa pré-história.

Agradeço a todos os envolvidos no processo, a começar pela equipe científica: João Carlos de Souza, Erciliomar Furquin, Elisberto Rezende, Edilson Gomes, Beatriz dos Santos Landa, Jones Dari Goettert, Vanessa Costa Morito, Maria Julia Rocha Ferreira, Alessandra Peixoto Lopes, Débora Korine Regonato, Thaiane Coral e Wender Carbonari. Agradeço também à Prefeitura de Alcinópolis pelo alojamento e apoio logístico. Ao IPHAN-MS, sempre pronto para nos ajudar, à Universidade Federal da Grande Dourados e à FUNAEPE.

A Arqueologia

O passado sempre despertou curiosidade. Com a imaginação aguçada e uns livros de história podemos ver grupos que se reúnem na calada da noite para aprimorar os planos da resistência contra um rei déspota; reconstituir guerras sangrentas travadas pela sede de poder; ou ainda acompanhar um caçador e coletor em seu combate com uma fera durante uma incursão de caça. O passado é realmente tão emocionante quanto um filme de Hollywood.

Mas este passado não é recriado somente com imaginação. É preciso uma boa dose de pesquisa acadêmica para literalmente 'desenterrar' todas estas informações que irão figurar nos livros e revistas. Os profissionais que buscam evidências do passado para recontar histórias são os arqueólogos. Mas se estamos falando de eventos da história humana, qual a diferença entre o arqueólogo e o historiador? Simples: a fonte de informação utilizada. O historiador utiliza as fontes escritas, como cartas ou documentos de arquivos, ao passo em que o arqueólogo utiliza a 'cultura material' como fonte de informação. A cultura material compreende todos os objetos fabricados pela mão humana, de uma faca de pedra pré-histórica às edificações do Império Romano, chegando até às sucatas que descartamos em nossos dias. Se a arqueologia estuda o passado humano pelos restos materiais, este passado pode ser recente ou distante.

Mas como o arqueólogo trabalha? O princípio de tudo é a escavação. Um local onde encontramos vestígios de uma população do passado é chamado de 'sítio arqueológico'. Este lugar pode ter sido ocupado por um único povo ou por diferentes sociedades ao longo dos milênios. O princípio da estratigrafia é o que a arqueologia se utiliza para situar estes vestígios ao longo do tempo: tudo que está mais abaixo é mais antigo e o que está na superfície é mais recente. Para se atingir as informações mais antigas o arqueólogo precisa escavar o sítio arqueológico, retirando as camadas superficiais de terra, lentamente, até chegar aos níveis

mais profundos. Assim, é possível traçar uma cronologia da ocupação do sítio, ou seja, situar estes povos que ali viveram numa escala de tempo.

Como são muitas as informações levantadas em uma escavação, o controle do processo é fundamental. Para tanto, a técnica mais empregada no Brasil é a dos níveis artificiais, onde o sítio recebe em sua superfície uma malha quadriculada e cada quadrícula de um metro quadrado é escavada de dez em dez centímetros. Cada dez centímetros que se escava corresponde a um nível arqueológico. Todas as informações são registradas em fichas de campo e os artefatos recolhidos e acondicionados cuidadosamente. Material orgânico, como pedaços de carvão, é coletado e enviado para laboratórios especializados a fim de se obter datações por carbono 14. Usando as datas e o princípio da estratigrafia, podemos inserir a cultura material encontrada em um determinado nível numa escala de tempo.

Em laboratório, todo material retirado da escavação é processado e analisado. É nesta etapa que os objetos começam a contar sua história. A escavação é uma das etapas mais pesadas e, sem dúvida, a mais emocionante. Mas ao estudar um sítio, setenta por cento (ou mais) do trabalho arqueológico corresponde à etapa de laboratório. É uma verdadeira ciência investigativa, onde os esqueletos de pessoas que foram sepultadas há centenas ou milhares de anos são estudados para dizer como elas viviam, o que comiam e do que morreram. Os objetos também são analisados com o mesmo nível de detalhes: que matéria prima foi escolhida, qual a téc-

Crânios da Idade do Bronze. Acervo do Museu Nacional da Dinamarca.

Bisões da Caverna de Altamira, no Museu de Altamira, Ministério da Educação e Cultura da Espanha.

Acima: quadriculação de um sítio arqueológico antes da escavação. Abaixo: artefatos de pedra lascada.

Equipe escavando o sítio arqueológico Templo dos Pilares, em Alcinópolis, MS.

nica empregada na confecção, que usos este objeto teve, enfim, segue-se um protocolo de procedimentos para se extrair o máximo possível de informações, processo este a que chamamos 'metodologia'. Além das grandes mesas para limpeza e observação das peças, um laboratório de arqueologia conta com outros equipamentos, como microscópios, lupas, balanças, estufas e, claro, computadores e seus programas específicos.

Nas bancadas de um laboratório de arqueologia, as caixas que protegem o material de campo são abertas. Todo material é limpo, contado, etiquetado e guardado. As etiquetas e as fichas de campo auxiliam esta primeira etapa, pois são nelas que as informações básicas estão registradas: data, localização precisa (em GPS), quadrícula, nível, bem como todos os dados relevantes sobre o processo de deposição do sítio. Estas informações vão ser repassadas para as fichas e etiquetas de laboratório, tanto físicas como digitais, a fim de criar um registro duradouro. Este material fica então armazenado até que uma segunda etapa se inicie: a análise dos artefatos em busca de informações adicionais. É aí que os equipamentos entram em

Acima: martelo em pedra polida.
Abaixo: pinturas rupestres do sítio Fazenda Fidalgo, Alcinópolis, MS.

Pintura rupestre do sítio Barro Branco II, Alcinópolis, MS.

cena. Mas, para tanto, um laboratório precisa ter uma equipe multidisciplinar.

Além dos objetos duradouros (como metais e pedras), um sítio arqueológico, dependendo das condições ambientais, pode guardar outros tipos de vestígio: ossos humanos, ossos de animais e restos de cozinha, pólens, sementes e, em condições mais raras, até tecidos. Locais pantanosos, muito secos ou muito frios podem inclusive preservar tecidos humanos, num processo de mumificação natural. Por isso na arqueologia é preciso a participação de profissionais de outros campos do saber, como biólogos, químicos ou geólogos.

Outro tipo de vestígio recorrente em sítios arqueológicos é a cerâmica. Utilizando argila de jazidas naturais, o artesão do passado fazia roletes com as mãos, sobrepondo-os e polindo-os. A massa era temperada com antiplásticos - elementos como grãos de quartzo, pedaços de ossos ou vegetais cuja função era distribuir o calor uniformemente, evitando assim que os recipientes se partissem durante a queima. Com tinta ou espátulas o ceramista podia decorar as paredes do recipiente com grafismos. A cerâmica arqueológica está mais associada a povos agricultores e ao preparo de alimentos cultivados.

A Serra da Capivara e sua arte rupestre. Ao lado o Boqueirão da Pedra Furada. São Raimundo Nonato, PI.

Cerâmica arqueológica proveniente do distrito de Taboco, município de Corguinho, MS.

O Povoamento do Continente Americano

A arqueologia americana desenvolveu uma forma genérica de classificação dos povos pré-históricos: os pré-ceramistas e os ceramistas. As populações pré-ceramistas viviam da caça, pesca e coleta de frutos e raízes. Este tipo de economia começou com os primeiros grupos humanos que transitavam pelo território americano. Em tese seriam povos que cruzaram o Estreito de Bering a finais da última glaciação, o que teria ocorrido por volta de 12 mil anos atrás. Mas novas pesquisas descobriram evidências de ocupações humanas de 25 e até 30 mil anos no Brasil. Exemplos deste tipo de ocupação são Santa Elina em Mato Grosso e Serra da Capivara no Piauí, respectivamente. O Primeiro estudado por Denis e Agueda Vialhou, e o segundo pela equipe de Niede Guidon.

Estes novos descobrimentos co-

locaram em cheque a antiga teoria do Estreito de Bering como única forma de acesso de grupos humanos ao Continente Americano. Agora, além dos grupos malaio-polinésio-mongólicos que cruzaram Bering há 12 mil anos e que deram origem a todos os grupos indígenas da América, sabemos que houve outra forma de migração, que pode ter sido por via oceânica e permitiu que outras matrizes genéticas entrassem em território americano. Exemplos disso são o esqueleto de 11 mil anos com características negroides, chamado Luzia, que foi descoberto em Lagoa Santa, Minas Gerais; e a ossada de feições indoeuropéias datada de 8 mil anos, no Lago Kennewick, em Washington, Estados Unidos.

O Brasil, como visto, tem sido palco de importantes descobertas arqueológicas que forçaram uma revisão

Os animais e o entorno ecológico aparecem tematizados na arte rupestre pré-histórica. Ao lado, paisagem de Alcinópolis, MS.

Pinturas rupestres de sfio arqueológico em Chapadão do Sul, MS.

dos modelos antigos de povoamento das Américas. Estes povos viviam em uma época em que clima e vegetação eram bem diferentes do que temos hoje. Um clima mais frio e mais seco fazia da Amazônia uma grande savana, o Pantanal sequer existia como o vemos hoje e no Brasil Central predoninavam os campos de vegetação estépica. Como nos indica o arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, a tropicalidade virá com o aumento da pluviosidade, o que ocorreu com o ótimo climático, processo desencadeado entre 8 e 6 mil anos atrás.

A Pré-história em Mato Grosso do Sul

Ao tratar da arqueologia de Mato Grosso do Sul e seu contexto para o Centro-Oeste, vamos recuar pelo menos 12 mil anos. Pequenos grupos transitavam pelos campos em busca de alimentos e de abrigos que usavam como moradia. Estes primeiros habitantes eram detentores de uma tecnologia lítica: com um percutor arrancavam lascas de um núcleo (uma pedra de matéria prima) para usar como lâminas e raspadores.

Ainda que alguns estudos isolados datem do início do século XX, o primeiro arqueólogo a investigar de forma sistemática a Pré-história de Mato Grosso do Sul foi Pedro Ignácio Schmitz, com o PAMS – Projeto Arqueológico de Mato Grosso do Sul, iniciado na década de 1980. Suas pesquisas em uma área que naquela época pertencia a Paranaíba, mas que hoje está em Chapadão do Sul, dataram em 11 mil anos grupos de caçadores nômades adaptados ao ambiente de savana e que produziam instrumentos de lascas. A esta primeira fase de povoamento Schmitz chamou de Tradição Itaparica da fase Paranaíba. A Tradição Itaparica surgiu das suas pesquisas em outros pontos do Brasil Central onde ocorriam sítios similares, com raspadores plano-convexos e lâminas de dorso.

Recentemente, Gilson Rodolfo Martins e Emilia Kashimoto descobriram vestígios de uma ocupação no sítio Casa de Pedra, em Chapadão do Sul, que dataram em 12 mil anos. Trata-se de uma enorme caverna formada por quatro salões com pinturas e gravuras em suas paredes. A pesquisa de Martins e Kashimoto recuou ainda mais no tempo o início do povoamento do território de Mato Grosso do Sul.

Os muitos povos caçadores, coletores e pescadores que habitaram o ambiente de savana são notados pela diferença da tecnologia de lascamento. Os primeiros instrumentos correspondentes aos povos mais antigos, em que a lasca era por si um utensílio, vão dando lugar a processos tecnológicos mais complexos, envolvendo microlascamentos na produção de artefatos mais elaborados, como as pontas de flechas. Por isso, quando nos remetemos a este longo período de ocupação das savanas do Brasil Central por povos pré-ceramistas, não estamos nos referindo a uma unidade, mas a diferentes grupos detentores de tecnologias variadas, ainda que o lascamento seja o processo imperante e que o polimento seja praticamente desconhecido. Assim, temos ocu-

pações mais antigas que remontam a um clima pleistocênico e que humanos e animais da megafauna compartilham espaços geográficos. Povos caçadores e coletores seguem trilhando espaços nas estepes até a estabilização climática, um processo que vai ocorrer desde a transição para Holoceno, iniciada entre 12 e 10 mil anos, até o ótimo climático, quando entre 8 e 6 mil anos atrás o clima e a vegetação vão assumir as características atuais.

É com a chegada dos primeiros povos ceramistas que o modo econômico vai sofrer alterações mais significativas. A cerâmica em muitos casos está associada à introdução da agricultura. Os vasilhames são empregados no preparo e consumo de alimentos cultivados, mudando a forma de explorar o meio. Não que a caça e a coleta deixassem de ser praticadas, mas se converteram em produtos complementares, ao passo em que os carboidratos vindos dos vegetais formaram a parcela mais significativa da alimentação. Na indústria lítica, vão aparecer os instrumentos polidos, especialmente os machados, usados na derrubada da mata para dar espaço aos campos de cultivo.

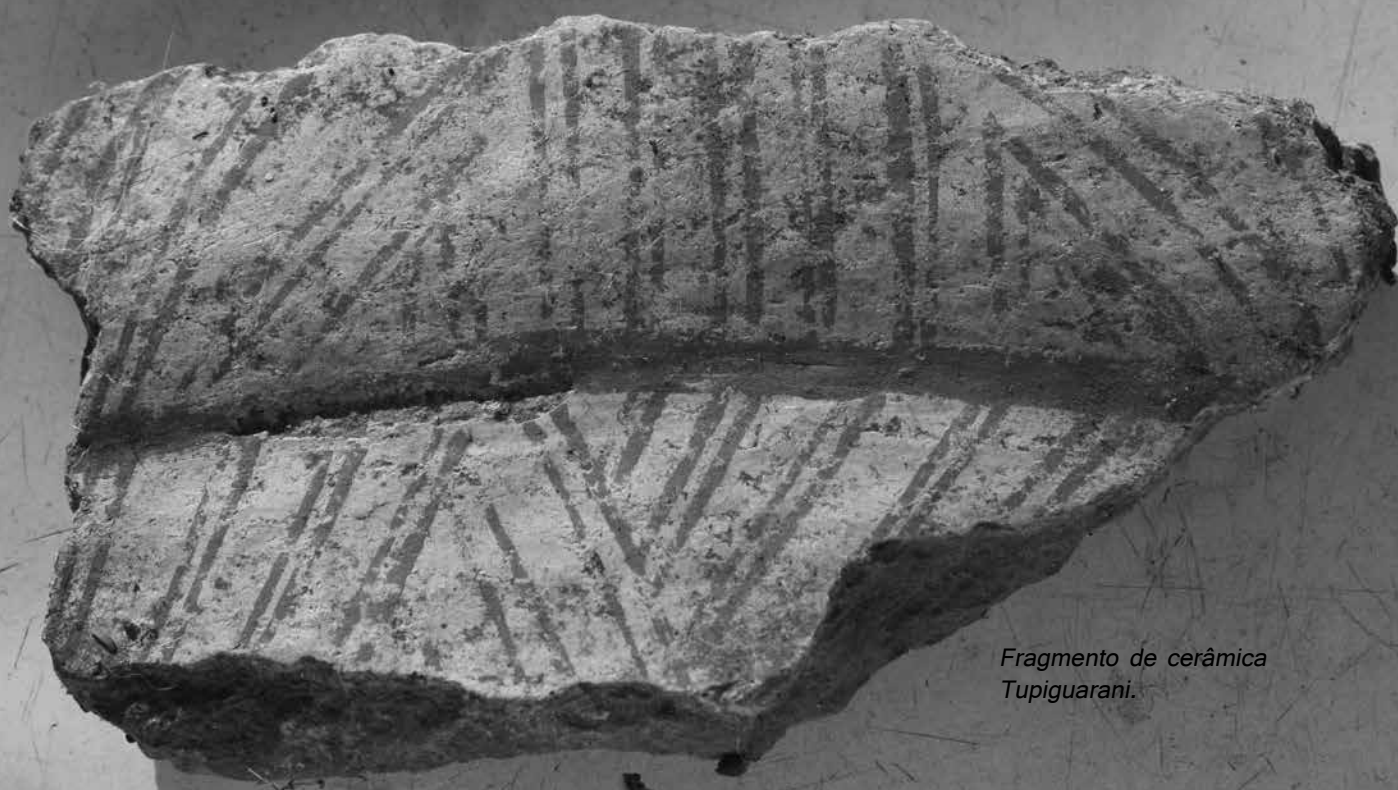
De acordo com as características as cerâmicas são ordenadas em chaves classificatórias que a arqueologia denomina de tradições. São três as tradições ceramistas encontradas na região que hoje compreende o estado de Mato Grosso do Sul. A primeira delas é a Tradição Una, ligada a grupos Macro-Jê, caracteriza-se por potes de pequena dimensão, de cor pardacento escura e que em alguns casos apresenta decoração incisa nas paredes externas. Segundo o arqueólogo André Prous, em alguns pontos do Brasil a Tradição Una pode chegar a ter 4 mil anos de idade. Estes ceramistas normalmente habitavam as áreas de cavernas e abrigos anteriormente

Tipo de cerâmica usada por povos que iniciaram a agricultura.

ocupados por caçadores e coletores. Constatamos este padrão de reocupação em alguns abrigos e cavernas de Rio Negro, Corguinho e Alcinópolis.

Outra tradição cerâmica que ocorre na região é a Aratu. Bem mais recente, podendo atingir os 1.500 anos de idade, caracteriza-se pela produção de grandes recipientes piriformes, usados para estocagem de gêneros, mas que podiam também ser reutilizados em rituais de sepultamentos. Suas aldeias estão situadas em áreas abertas, próximo a margens de rios.

Por fim, se estabelecem em Mato Grosso do Sul os ceramistas Tupiguarani, exímios agricultores e produtores das grandes urnas decoradas com pinturas e incisões, que a exemplo dos ceramistas Aratu, poderiam também ser empregadas em rituais funerários. Segundo apontam as pesquisas de Gilson Martins e Emilia Kashimoto, os primeiros assentamentos da tradição Tupiguarani no Estado

Gravuras rupestres, Pedro Gomes, MS.

Fragmento de cerâmica Tupiguarani.

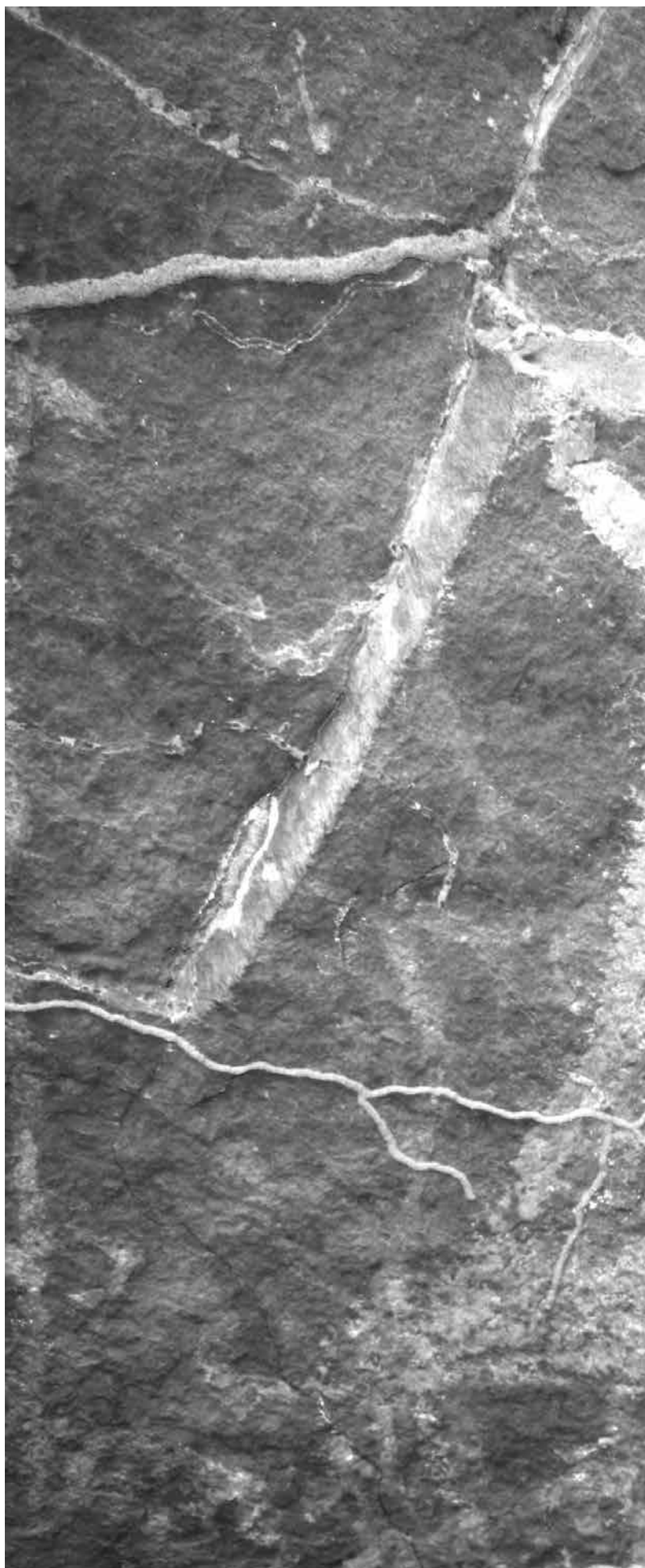
Gravura rupestre de Lagoa Gaíva, Pantanal de Mato Grosso do Sul.

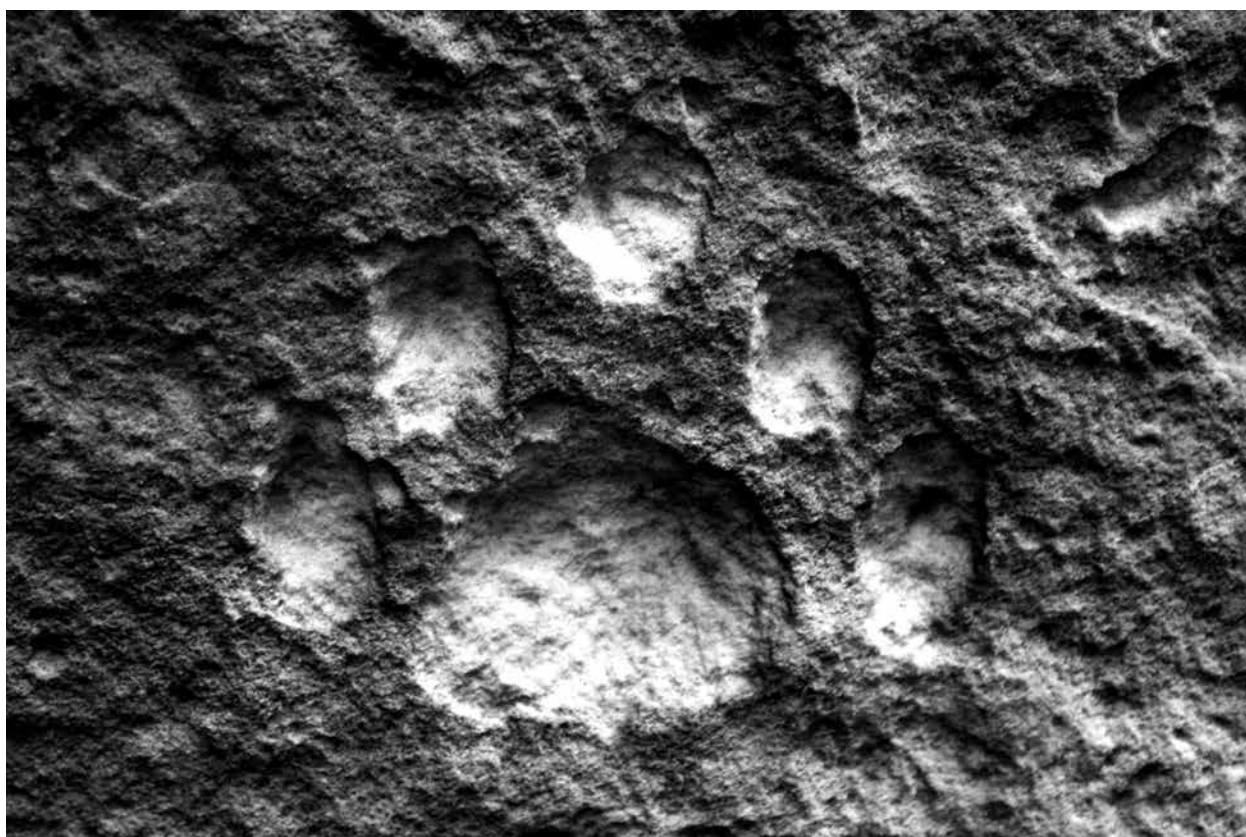
possuem uma idade de 1.300 anos.

Alcinópolis e a Arte Rupestre de Mato Grosso do Sul

Recente inventário apontou a existência de cerca de 80 sítios de arte rupestre em todo o Estado de Mato Grosso do Sul, número que certamente se elevará com os resultados de novas pesquisas. Estes sítios correspondem a uma grande variedade de grafismos, executados ao longo dos 12 mil anos de história. A arte rupestre está presente nos seguintes municípios: Aquidauana, Corumbá, Ladário, Coxim, Alcinópolis, Costa Rica, Chapadão do Sul, Pedro Gomes, Paranaíba, Rio Negro, Rio Verde, Corguinho, Jaraguari, Maracaju, Antônio João e Jardim.

A arte rupestre é um tipo de vestígio deixado por populações pretéritas nos paredões de pedras de cavernas e abrigos. São pinturas e gravuras cuja temática varia de representações de animais a formas geométricas. As pinturas, feitas com minerais como o óxido de ferro, podem ser monocrômicas ou policrômicas. Misturando estes minerais com uma matéria graxa, os pintores da pré-história com o auxílio de espátulas ou com as pontas dos dedos desenhavam elementos importantes para sua vivência social, seja materializando conteúdos cosmológicos ou representando seres do ecossistema. Já as gravuras eram obtidas pela percussão ou fricção de um instrumento de pedra contra a rocha, resultando disso figuras em baixo relevo.

É justamente na arte rupestre

Pintura rupestre representando um felino. Corguinho, MS.

Gravura do sítio Pitoco 2, Alcinópolis, MS.

Petróglifo do sítio Pata da Onça, Alcinópolis, MS.

Pintura rupestre, Fazenda Fidalgo, Alcinópolis, MS.

Pinturas da Gruta do Pitoco, Alcinópolis, MS.

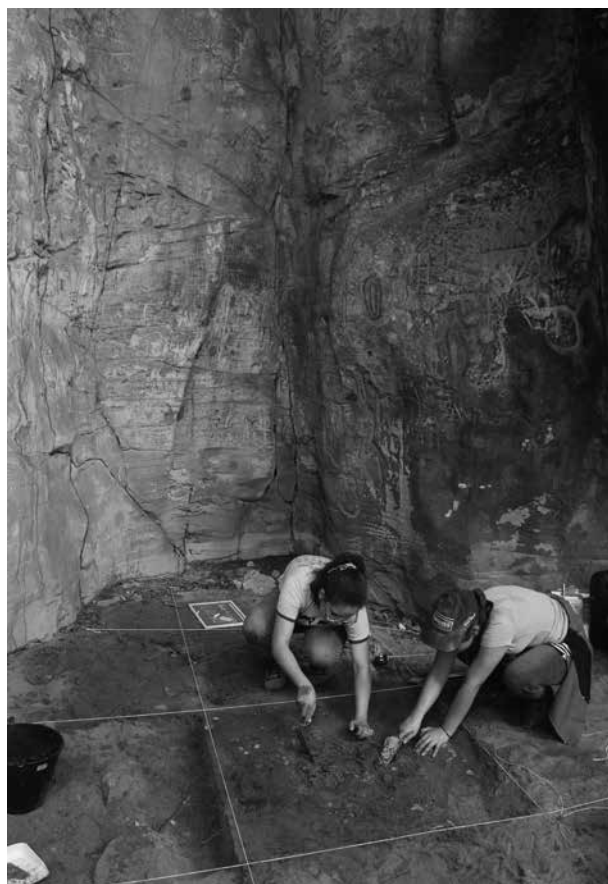
que Alcinópolis demonstra sua importância para a arqueologia regional. Um terço de toda arte rupestre do Estado está situada em Alcinópolis. O município também guarda o sítio arqueológico de arte rupestre mais emblemático de nossa região: o Templo dos Pilares.

Apesar da importância de Alcinópolis no campo da arte rupestre, pouco se sabe sobre os assentamentos de grupos humanos que habitaram a região. Nunca o município foi objeto de escavação arqueológica que investigasse mais sobre os povos autores dos grafismos rupestres. Este livro apresenta os resultados do primeiro trabalho de escavação e datação de remanescentes arqueológicos empreendido em Alcinópolis.

A Escavação no Templo dos Pilares

Os trabalhos de prospecção intrusiva no sítio arqueológico Templo dos Pilares se deram no mês de março de 2016. Nove pessoas participaram da etapa de campo, sendo que a equipe ficou alojada na Sede do Parque graças à colaboração da Prefeitura de Alcinópolis. A metodologia de escavação seguiu o modelo de níveis artificiais, com a progressão em camadas de dez centímetros. O primeiro local a ser escavado foi a Caverna do Bezerro. Cavidade de nível quase plano, com sedimentos muito soltos, havia a expectativa de se encontrar abundante material arqueológico. Para fins de ordenamento de informações, denominamos este primeiro ponto de escavação de 'Área Prospectada 1'. Estabelecemos o quadriculamento, com duas colunas e três linhas, totalizando seis quadrículas. Destas, apenas duas foram escolhidas para se iniciar a prospecção, as quadrículas A2 e B1. Após a parca ocorrência de lascas nas camadas superficiais, o solo se mostrou estéril entre os níveis 3 e 4, frustrando as expectativas quanto a esta primeira área de prospecção. Decidimos então interromper a escavação e eleger uma nova área.

O segundo ponto de escavação, denominado 'Área Prospectada 2' se deu ao pé de um expressivo paredão de arte rupestre com pinturas geométricas e naturalistas sobrepostas por gravuras estilisticamente similares àquelas classificadas como 'Tradição Geométrica Meridional'. O abrigo, com ampla abertura e pouca profundidade, faz uma reentrância em forma de 'U', onde precisamente decidimos estabelecer o quadriculamento. Foram formadas quadrículas em duas linhas e duas colunas, totalizado quatro quadrículas: A1, A2, B1 e B2. O datum foi colocado após a face nordeste da quadrícula A1, nas coordenadas UTM 0216648-7991351. O solo apresentou uma camada húmica muito fina na superfície. Em seguida aparece um solo arenoso muito fino e solto, de colocação castanha. O ponto mais profundo foi na quadrícula A1, onde a base, no nível 5 aparece a 49 centímetros de profundidade. O ponto menos profundo foi na quadrícula B2, junto ao paredão, onde a base foi atingida no nível 4 a 38 cm de profundidade. A base era composta de arenito com camada exterior de baixa densidade, que se

Área Prospectada 1.

Área Prospectada 2.

Área Prospectada 3.

Nivelamento da quadrícula.

Escavação na Área Prospectada 3.

Acadêmica de Mestrado em Antropologia da UFGD levantando dados topográficos para sua dissertação em Arqueologia.

Acadêmicas de graduação em Ciências Sociais processando material da escavação da Área Prospectada 3 no Laboratório de Arqueologia da UFGD.

esfarela ao toque. Lascas e raspadores ocorreram até o fim dos níveis, junto ao leito rochoso. Além de lascas e raspadores, foi descoberta na quadrícula A1, nível 4, uma pedra redonda e achatada com moça no centro e borda desgastada, indicando seu uso como quebra-coquinho e moedor. A quadrícula B1, no nível 3, foi datada em 6.450 anos.

O último ponto de prospecção escolhido foi propriamente no salão do abrigo Templo dos Pilares, junto a duas colunas próximas que partem da mesma base, tendo aos pés polidores e gravuras estilisticamente assemelhadas às da Tradição Geométrica Meridional. Um pequeno bloco quadrado com gravuras ancoriformes, situado ao lado da base das colunas, na porção norte, foi nosso ponto de referência para iniciar a escavação. Situamos o datum no ponto mais alto, ao pé da quina da passarela, nas coordenadas UTM 0216688-7991299. Quadriculamos um poço teste de quatro metros quadrados, sendo que o desnível fez com que o nível 1 na face nordeste da quadrícula tivesse apenas um centímetro de profundidade. Denominamos este ponto de 'Área Prospectada 3' e como se tratava de apenas uma quadrícula de 2x2 metros adicionamos a sigla PT em alusão à palavra 'Poço Teste'.

A 'Área Prospectada 3' foi a que trouxe melhores resultados. Registramos abundante ocorrência de lascas que persistem até a base do poço teste. Além de lascas, raspadores e lâminas, apareceram estilhas em farta quantidade, algumas muito pequenas,

Material lítico procedente da Área Prospectada 3, nível 5.

com certa de dois milímetros, indicando o emprego de microlascamento. Após a camada húmica, que ocorre no primeiro nível e início do segundo, aparece um espesso extrato de terra misturada a cinzas, com muito carvão e alguns fragmentos de ossos. Este extrato passa do nível 10 na face sul e chega ao nível 8 na face norte.

No nível 5 foram recolhidos três fragmentos de cerâmica similares aos da Tradição Una. Os fragmentos indicam a produção de recipientes de pequena dimensão, com paredes muito finas. Na face externa apresentam uma decoração incisa de linhas paralelas riscadas. Na mesma camada, além das lascas, estilhas, lâminas e raspadores, aparecem fragmentos de instrumentos líticos polidos: um pequeno pedaço de gume de machado polido e outros fragmentos com alguma face polida. Tais evidências demonstram que a ocupação mais recente corresponde a povos ceramistas que empregavam o polimento para a confecção de alguns instrumentos. Contudo, nota-se o predomínio da técnica de lascamento e causa estranheza a ocorrência tão limitada de fragmentos de cerâmica. As datas relacionadas a esta ocupação mais recente foram as seguintes (em AP - Antes do Presente):

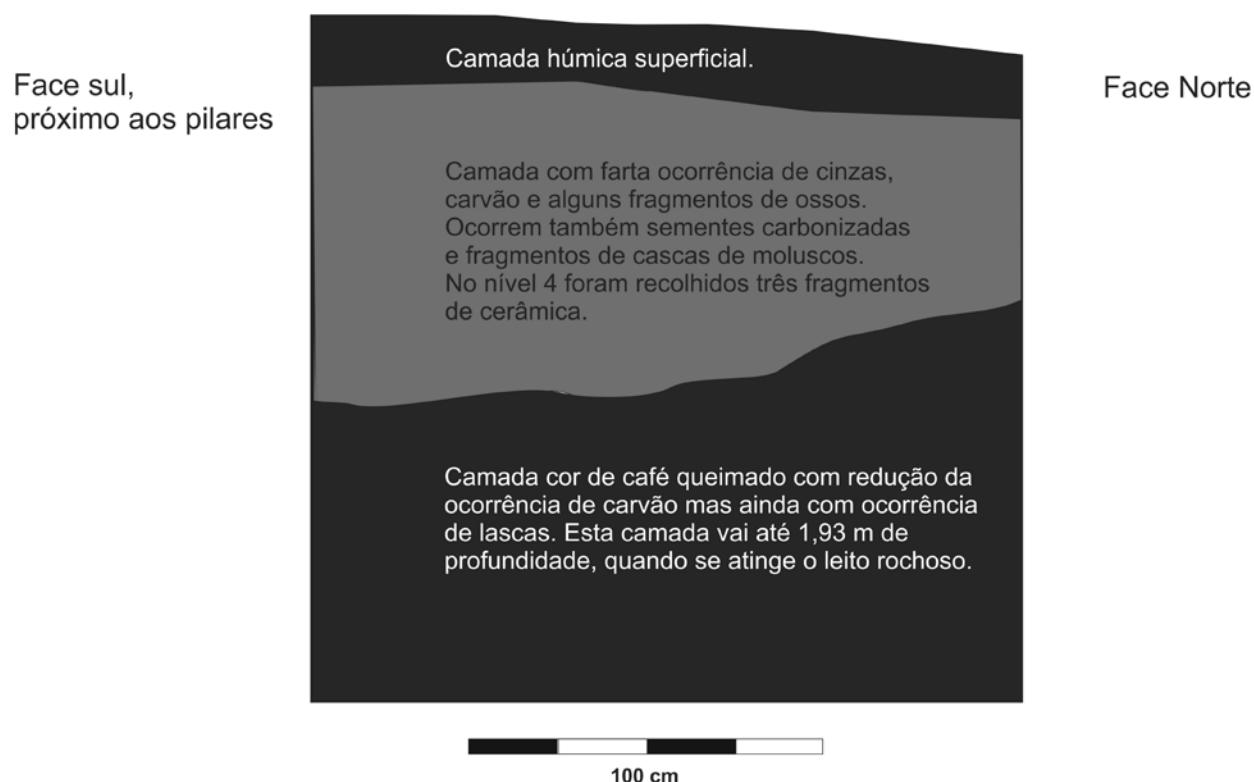
- Nível 3, 2.720 AP
- Nível 8, 3.020 AP
- Nível 10, 3.100 AP
- Nível 12, 3090 AP;
- Nível 14, 3.010 AP.

Apesar das pequenas variações, percebemos uma ocupação intensa há 3 mil anos que produziu uma grande quantidade de resíduos e foi responsável por múltiplas fogueiras, com restos de ossos e sementes

Todos os esforços que fizemos para manter a integridade das paredes, tarefa difícil diante de um solo arenoso tão fino e solto, não foram suficientes. Quando atingimos o nível 10, a parede da face sul desmoronou. Tratamos imediatamente de montar uma contenção para evitar a contaminação da área restante da quadrícula. Diante da situação e da dificuldade de entrar na quadrícula, restringimos os demais níveis a uma área de um metro quadrado situada na face noroeste, formando um escalonamento. Assim prosseguimos até o último nível.

Após o nível 11 predomina um solo de cor escura (similar ao café torrado) e consistência solta, ainda que um pouco mais densa se comparado com o conteúdo da mancha de fogueira. Nestas últimas camadas ocorrem lascas e estilhas, mas com pouco carvão, quadro que se mantém até à base do abrigo, que para nossa surpresa foi alcançada no nível 19. As datações para a ocupação mais antiga foram as seguintes:

- Nível 16, 8.140 AP;
- Nível 18, 8.430 AP;
- Nível 19, 9.520 AP.

Como a coleta da amostra de carvão se deu no início do nível 19, que atingiu 1,93 metros de profundidade, podemos dizer com alguma segurança que o começo da ocupação no Templo dos Pilares se deu há pelo menos 10 mil anos.

Cerâmica arqueológica proveniente da Área Prospectada 3;

Houve uma opção deliberada por escavar pequenos pontos de prospecção. Isso permitirá que mais estudos sejam empreendidos no futuro, fazendo uso de novas tecnologias. Além do mais, as áreas de prospecção executadas foram suficientes para trazer à luz informações importantes e inéditas sobre os povos que passaram pelo Templo dos Pilares.

Com as datações radiocarbônicas foi possível estabelecer a primeira proposta cronológica para as pinturas e gravuras rupestres do município de Alcinópolis.

Sabe-se agora que os níveis mais profundos, especificamente entre o 16 e o 19, estão relacionados a uma ocupação mais antiga, detentora de uma tecnologia de artefatos lascados, com produção de raspadores. Estes seriam os autores das pinturas rupestres. Milênios depois surge uma ocupação intensa, que produziu instrumentos lascados e, mais raramente, polidos e foi responsável pela grande queima de matéria orgânica, notada na mancha de cinzas e ossos. Os raros fragmentos de cerâmica indicam que já conheciam esta tecnologia, mas pouco uso faziam dela. Esta ocupação, que se deu entre os níveis 3 e 14, possui 3 mil anos e está relacionada com as gravuras rupestres.

As enormes fogueiras notadas durante a escavação foram usadas no preparo das carnes de caça e na queima de sementes do tipo 'coquinho'. Pela morfologia dos resíduos vegetais é possível supor que o Baru

tenha sido a espécie predominantemente coletada. Também aparecem cascas de moluscos, mas estas estão muito fragmentadas, o que dificulta a identificação das espécies.

As sobreposições notadas na arte rupestre do Templo dos Pilares fundamentam a proposta cronológica. Nos vários painéis as gravuras aparesem sobrepostas às pinturas. Gravuras similares ocorrem por vários estados brasileiros e inclusive no território paraguaio, onde foram estudadas por José Lasheras, Pilar Fatás e Fernando Allen.

As datações obtidas na Área prospectada 2, aos pés de um grande painel com gravuras e pinturas, vão de 4.220 a 6.470 AP. Ainda não nos é possível saber se estas datas estão relacionadas com as pinturas ou com as gravuras, haja vista que o material lítico tende a ser tecnologicamente similar. A ausência de camadas arqueológicas bem demarcadas é outra dificuldade enfrentada. Tendemos a relacionar a data mais antiga para pinturas e a mais recente para gravuras.

O material proveniente da escavação foi encaminhado ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. O processamento deste material consistiu de lavagem das peças, classificação por tipo, contagem e acondicionamento em sacos plásticos etiquetados. O material foi por último armazenado em caixas plásticas na cor branca e com tampa. Cada caixa possui uma referência alfanumérica listada no inventário das peças, por exemplo: 'MS-AL-01 | AP 03 | Caixa 1', onde a primeira sigla identifica o sítio (Templo dos Pilares), a segunda o ponto de prospecção (Área Prospectada 03) e a terceira é o número da caixa onde o material se encontra, possibilitando um rápido acesso ao mesmo a partir da lista de inventário.

O material zooarqueológico, como fragmentos de ossos e cascas de moluscos, devido à sua difícil identificação deverão ser processados nos próximos anos. Como métodos de identificação visual não serão possíveis devido ao estado das evidências, a busca pelas espécies depende de métodos físico-químicos, o que ainda levará tempo. Amostras de terra também foram colhidas para futura análise.

O que podemos dizer sobre os povos que habitaram a região?

Com base nas evidências podemos dizer com absoluta certeza que o Templo dos Pilares foi primeiramente frequentado por povos caçadores e coletores, pré-ceramistas, que se estabeleceram na região entre 10 mil e 8 mil anos atrás. À época, como visto, clima e vegetação eram um pouco diferentes e transitavam pelas estepes os últimos remanescentes da megafauna pleistocênica. Os humanos deste período preferiam ocupar os abrigos que ocorrem em grande número na cadeia de montanhas que se debruça sobre uma vasta planície que viria a ser o Pantanal. Tais abrigos naturais eram convertidos em espaços humanos por intermédio de pinturas pa-

rietais que representavam elementos do ecossistema e outras categorias de destaque na cosmologia daqueles grupos. Eis que o entorno ecológico, ao ser tematizado, assume a condição de ente, podendo se tornar agente influenciador no fluxo da vida social.

Os espaços que se desdobravam entre estes cerros antropizados eram territórios de mobilidades empreendidas especialmente nas atividades de forrageio. Desde o topo de alguns abrigos com arte rupestre podemos avistar outros locais onde ocorrem grafismos pré-históricos, sugerindo uma conexão visual intencional. Mas as mobilidades não eram somente o resultado de atividades de caça e coleta, mas garantiam a propagação de ideias, manifestadas no repertório rupestre reproduzido nos muitos abrigos existentes nas franjas de montanhas que separam a planície pantaneira do cerrado.

Semelhante sistema de ocupação, que privilegiou as franjas de montanhas que se debruçam sobre a planura do Pantanal, vai ser notado também para as ocupações mais recentes, dos autores das gravuras

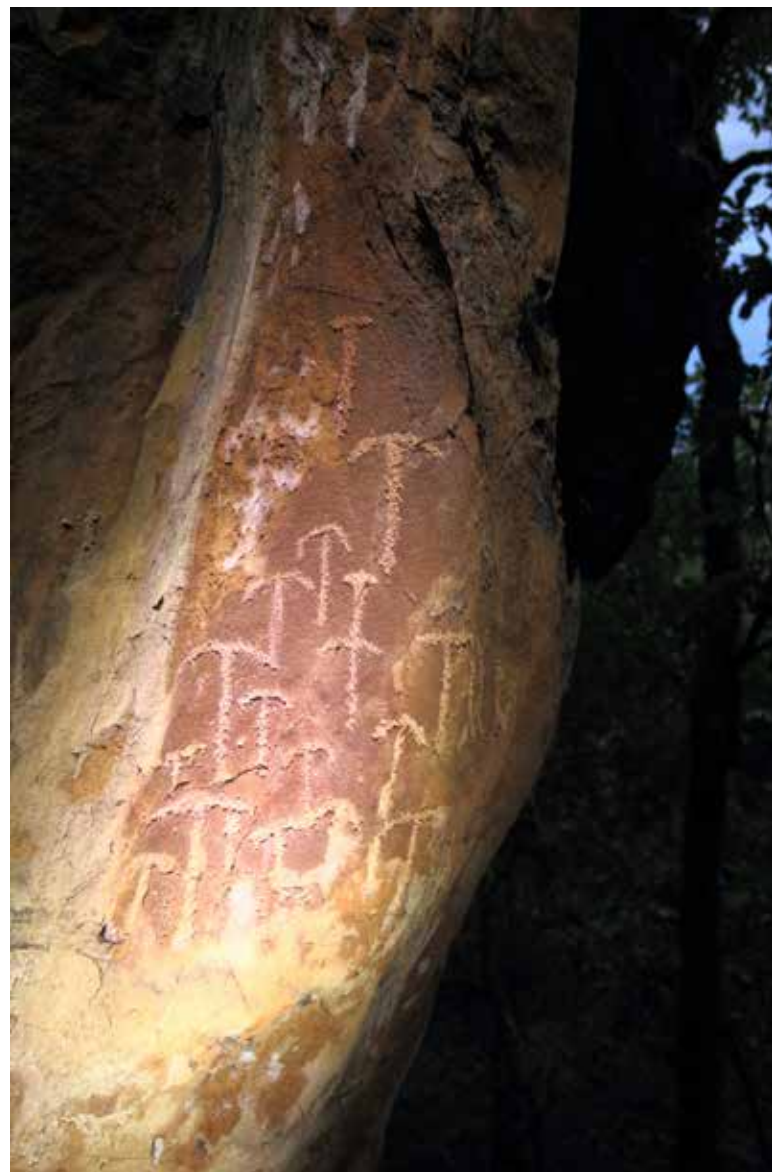
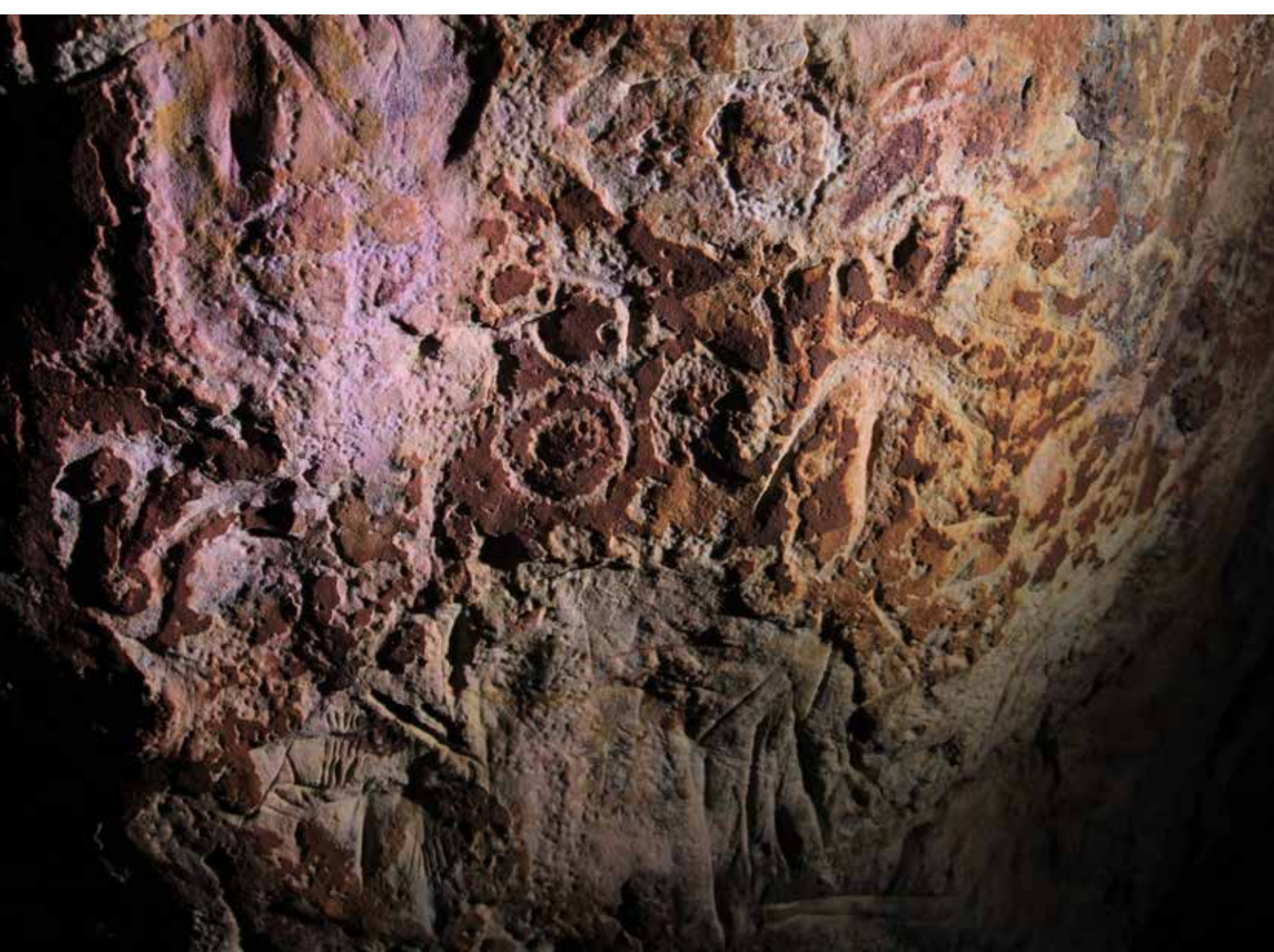
rupestres estilisticamente similares à Tradição Geométrica Meridional. Será um momento de transição no modo econômico, marcado pelo surgimento da cerâmica e, em alguns casos, por formas incipientes de cultivo. Estes primeiros ceramistas chegaram ao Templo dos Pilares por volta de 4 mil anos atrás, mas em 3 mil AP esta ocupação se torna muito intensa. Cabe destacar que clima e vegetação já possuiam as mesmas características dos dias de hoje. A indústria lítica era composta predominantemente de raspadores e pontas de projéteis. O arenito foi a matéria prima dominante. Lascamentos grosseiros em núcleos eram feitos a fim de remover a camada menos densa para chegar aos veios silicificados, mais apropriados para a produção de utensílios.

Este quadro se sustenta ainda por milhares de anos, até o momento em que os antigos ceramistas foram subjugados e expulsos pelos ancestrais dos povos ceramistas da era proto-colonial, que se tornam hegemônicos em todo território do Estado, alguns destes vindo mais tarde a contatar os conquistadores de origem

Visão do entorno desde o teto do abrigo Templo dos Pilares.

europeia.

Os resultados da escavação empreendida no Templo dos Pilares trouxe informações importantes para a formação de um contexto arqueológico relacionado à arte rupestre da região. Contudo, é preciso destacar que as áreas escavadas correspondem a uma parcela muito pequena do sítio. Esperamos que esta pesquisa seja apenas o primeiro passo no estudo das populações pré-históricas da região e que novas investigações sejam conduzidas neste sítio arqueológico, tão emblemático para a arte rupestre de Mato Grosso do Sul.

Na sequência serão apresentadas imagens de pinturas e gravuras do sítio arqueológico Templo dos Pilares.

Bibliografia

AGUIAR, R. L. S. (2015). Pessoas, objetos tempo e espaço: reflexões acerca das relações entre arte rupestre e ocupação do espaço ambiental na pré-história. Artigo de pós-doutorado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

AGUIAR, R. L. S. (2015). A Arte Rupestre em Mato Grosso do Sul. In: Graciela Chamorro e Isabelle Combès. (Org.). Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. Dourados: EdUFGD, p. 51-60.

AGUIAR, R. L. S. (2014). Arte Rupestre em Mato Grosso do Sul. Dourados: EdUFGD.

AGUIAR, R. L. S. (2012). Arte na Pedra: o surpreendente e pouco conhecido patrimônio pré-histórico de Mato Grosso do Sul. Ciência Hoje, v. 297, p. 32-37.

AGUIAR, R. L. S. (2012). Alcinópolis: na capital da arte rupestre de Mato Grosso do Sul grafismos são testemunhos da vida na pré-história. Revista Geo, v. 39, p. 110-119.

AGUIAR, R. L. S. (2002). Manual de Arqueologia Rupestre: uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e adjacências. Florianópolis: IOESC.

AGUIAR, R. L. S., LEITE, E. F., SOUZA, J. C. (2015). A arte rupestre do sítio arqueológico Morro do Campo no contexto das gravuras do Pantanal de Mato Grosso do Sul (Brasil). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, v.53, p.217 234.

AGUIAR, R. L. S., SOUZA, J. C., RIBEIRO, L. S., SAMPAIO, D. R. & LIMA, K. M. (2014). As gravuras rupestres do Alto Pantanal de Mato Grosso do Sul. Fronteiras: Revista de História. , v.16, p.70 86.

AGUIAR, R. L. S.; COLINO, D. S. M. & LANDA, B. S.(2014). Notas sobre a ocorrência de cerâmica arqueológica no sítio Fazenda Colorado IV, Região de Taboco, Estado de Mato Grosso Do Sul – Brasil In: Anais do ENEPEX, Dourados: UFGD e UEMS.

AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M. & FREITAS, L. G. (2012). Continuidades e transformações nas manifestações rupestres da tradição planalto em Mato Grosso do Sul, Brasil. O caso das pinturas rupestres do município de Rio Negro. Diálogos (Maringa). , v.16, p.997 -1026.

AGUIAR, R. L. S. & LIMA, K. M. (2012). Quantos estilos pode haver em um mesmo complexo rupestre? Considerações acerca das pinturas rupestres do distrito de Taboco, município de Corguinho (MS). Clio. Série Arqueológica (UFPE). , v.27, p.1-14.

AGUIAR, R. L. S. & LIMA, K. M. (2012). A arte rupestre em cavernas da região noroeste de Mato Grosso do Sul: discussões preliminares. EspeleoTema, v.23, p.117 125.

BEBER, M. V. (1994). Arte Rupestre no Nordeste de Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Arqueologia. Porto Alegre: PUC/RS.

BESPALEZ, E. (2015). Arqueologia e história indígena no Pantanal. Estudos Avançados, 29(83), 45-86.

BUENO, L. & DIAS, A. (2015). Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. Estudos Avançados, 29(83), pp. 119-147.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. & VIANA, S. A. (2000). O Centro-Oeste antes de Cabral. Revista USP, 44(1), pp. 142-189.

FUNARI, P. P. A. (1988). Arqueologia. São Paulo: Ática.

GIRELLI, M. (1994). Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS. Dissertação de Mestrado. Centro de Educação e Humanismo, UNISINOS.

KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. (2004). Archaeology of the Holocene in the upper Parana River, Mato Grosso do Sul State, Brazil. Quaternary International, vol. 114, pp. 67-86.

KASHIMOTO, E. M. & MATINS, G. R. (2008). A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: André Prous. Os ceramistas tupiguarani. Belo Horizonte: Sigma, pp. 149-178

KASHIMOTO, E. M. & MATINS, G. R. (2005). Uma longa história em um grande rio. Cenários arqueológicos do Alto Paraná. Campo Grande: Oeste.

LAYTON, R. (1985). The Cultural Context of Hunter-Gatherer Rock Art. Man – New Series, Vol. 20, N. 3, pp. 434-453

LAYTON, R. (1991). The Anthropology of Art. Cambridge: Cambridge University Press.

LASHERAS, A. J.; FATÁS, P.; ALLEN, F. (2012). El libro de piedra. Arte Rupestre en el Paraguay. Asunción: Fotosintesis.

MARTINS, G. R. (2002). Breve Painel Etno-histórico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Editora da UFMS.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. (2012). 12.000 anos: Arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul. Campo Grande (MS): Life Editora.

OLIVEIRA, A. M.; MORAIS, L. P. C. M.; PACHECO, M. L. A. F.; CORDEIRO, L. M. & MARTINS, G. R.. (2009). "Estudos dos Fósseis Pleistocênicos Resgatados na Gruta das Fadas, Bodoquena, Mato Grosso do Sul". Anais do I Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS.

PASSOS, J. A. M. B. (1975). Alguns Petroglifos em Mato Grosso com Apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia. Tese de Livre-Docência. São Paulo: USP, 79 p.

PEIXOTO, J. L. S. & SCHMITZ, P. I. (2011). A arte rupestre do Caracará, Pantanal, Brasil. Revista Clio de Arqueologia, Vol. 26, N. 2, pp. 237-263.

PESSIS, A. M. (2003). Imagens da Pré-história. Parque Nacional da Serra da Capivara. São Raimundo Nonato: FUNDHAM/Petrobrás.

PROUS, A. (1992). Arqueologia Brasileira. Brasília: UnB.

ROGGE, J. H. (2000). A ocupação antiga no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Revista Clio – Série Arqueológica, Vol. 14, pp. 343-352.

SCHMITZ, P. I. (2005). Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul. Palestra de abertura do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005.
Disponível em: http://www.anchietano.com.br. Acessado: 20 fev. 2012.

SCHMITZ, P. I. (1999). Caçadores-coletores do Brasil Central. In: M. C. Temório, Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 75-88.

SCHMITZ, P. I. (1997). Serranópolis II: as pinturas e gravuras dos abrigos. São Leopoldo: IAP/Unisinos.

SCHMITZ, P. I. & ROGGE, J. H. (2015). Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, (18), 47-68

SCHMITZ, P. I.; ROSA, A. O. & BITEN-

COURT, A. L. V. (2004). Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis III. Pesquisas, Série Antropologia, 60. São Leopoldo: IAP.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V. & ROSA, A. O. (2001). Arqueologia do Pantanal de Mato Grosso do Sul – Projeto Corumbá. Revista Tellus, Vol. 1, N. 1, pp. 11-26.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L. & RIBEIRO, M. B. (1989). Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Serranópolis I. Pesquisas, Série Antropologia, 44. São Leopoldo: IAP.

SCHMITZ, P. I.; RIBEIRO, M. B.; BARBOSA, A. S.; BARBOSA, M. O. & MIRANDA, A. F. (1986). Caiapônia: arqueologia nos cerrados do Brasil Central. São Leopoldo: IAP.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. & VERARDI, I. (1984). Arte Rupestre no Brasil Central: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: IAP.

VERONEZE, E. (1992). A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos.

VIALOU, A. V. (2005). Pré-história do Mato Grosso: Santa Elina (Vol. 1). São Paulo: EdUSP.